

Shimon Peres, *Tempo para a Guerra, tempo para a Paz* (título original : *Un temps pour la guerre, un temps pour la paix*), trad. Magda Bigotte de Figueiredo, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2004, 142 pp. [A obra foi escrita com colaboração de Jean-Pierre Allali, editor do jornal francês *Tribuna Judaica*.]

Guerra e Paz, mais do que termos que dão título a uma obra do grande vulto literário russo Tolstoi, são verdades incontornáveis com que o Médio Oriente se confronta há muitas décadas, desde que o Estado de Israel foi criado em 1948.

Estas palavras - guerra e paz -, mais do que vocábulos, são verdades bem conhecidas e sentidas por Shimon Peres (ocupou por diversas ocasiões o cargo de Ministro, em várias tutelas, destacando-se a sua passagem pelos Negócios Estrangeiros, já foi Primeiro-Ministro de Israel e foi laureado com Prémio Nobel da Paz em 1994, a par do israelita Yitzhak Rabin e do palestino Yasser Arafat), que sabe do que fala e escreve.

A selecção desta obra não é inocente. Reconhecemos. Se o mundo, a parte Ocidental está, em estado atónico e com um enorme sentimento de temor do que o porvir trará, depois dos trágicos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001, data e factos aos quais podemos adicionar o 11 de Março de 2004, sem esquecer obviamente o que sucedeu, por exemplo em Casablanca ou em Bali, este sentimento, que mencionávamos inicialmente, de temor, é algo quase intrínseco aos israelitas. Todavia, em Israel, o temor não é uma circunstância nova.

A dura realidade, sangrenta sublinhe-se, do Médio Oriente, tanto conhecida por israelitas como pelos árabes, especialmente palestinos, dura há décadas. Enquanto a

Paz não for ponto assente, nos dois lados, a Guerra continuará a ser mais forte do que a concórdia.

Assim, a leitura desta obra é pertinente. Em primeiro lugar, é escrita por uma pessoa que conhece o sentido de: sofrimento, resistência, coragem, determinação e, sobretudo, optimismo, o que não é fácil, especialmente quando a Vida proporciona a um Ser uma existência tão preenchida de dor. Depois, mais do que a tomada, cega, de uma das partes, que não há, Shimon Peres não olvida e muito menos renega os palestinianos, que não são inimigos. Pelo contrário. É o próprio Peres que defende a existência de um Estado Palestino e manifesta a total discordância face ao muro que o actual Primeiro-Ministro israelita, Ariel Sharon (de quem nos mostra um lado diferente, um lado mais humano do que bélico a que estamos habituados a observar neste político), mandou edificar. Finalmente, um factor determinante na preferência: a sobrevivência de um Estado, Israel, e as várias tentativas de aniquilamento, numa primeira fase, pelos Estados árabes vizinhos, às quais Israel resistiu, e presentemente, pelo amedrontar, por parte de grupos fundamentalistas islâmicos.

Devemos ter consciência de que o terrorismo da actualidade, praticado por grupos radicais ligados à organização liderada por Osama Bin Laden tem muito

pouco, senão mesmo nada, a ver com o terrorismo existente no Médio Oriente. Contudo, a fé islâmica, na qual se resguardam muitos desses indivíduos, pode levar muitas pessoas a crer que se trata do mesmo, quando não é. Por outro lado, importa salientar o facto de não misturar crenças islâmicas com fundamentalistas. Não se pode tomar um conjunto de fanáticos pelo conjunto de milhões de pessoas, defensoras da Paz, que depositam a sua fé no Corão. A separação das águas é necessária e importante para que não se considere semelhante o que é distinto.

Não menos relevante são os objectivos que movem os grupos em causa, como os extremistas palestinianos, que não têm propriamente o mesmo objectivo de uma organização, ainda pouco conhecida, nos seus propósitos, como a Al-Qaeda. Enquanto os primeiros procuram a criação de um Estado palestiniano e a supressão do Estado hebreu, os segundos apenas espalham o terror, sem outro propósito, pelo menos até agora não é evidente qual o verdadeiro propósito.

Por conseguinte, a experiência de um Homem de Estado, como é o caso de Shimon Peres, e a sua visão para o mundo, expressa na obra, com a qual podemos não concordar integralmente, permite-nos clarear algumas das bastantes dúvidas com que nos confrontamos no quotidiano.

Como referimos acima, as realidades do terrorismo podem ser diferentes, mas há uma experiência, neste domínio, que Israel detém e pode partilhar com os demais Estados e com os cidadãos, não só os políticos, que também devem conhecer. Shimon Peres, em determinados capítulos, faculta-nos uma perspectiva de quem lida no dia-a-dia com esta presença ensombrada pelo terror.

Tempo para a Guerra, tempo para a Paz acaba por proporcionar ao leitor, o trajecto de um país - Israel, desde a sua pré-formação até à actualidade. A História deste Estado é feita de sangue e sofrimento, mas também de esperança e crença num mundo melhor. Como afirma o próprio Peres, no início do livro: “estamos ávidos de paz”. Esta paz só é possível construir com as diversas partes envolvidas e ela passa não só pela cedência de israelitas, mas também pela transigência de palestinianos, como manifesta Peres.

O mundo caminha, pelo menos aparenta, para uma espiral de violência e é certo e sabido que a grande ferida, ou o “umbigo sangrento do mundo” (Médio Oriente), como diria o pensador francês Edgar Morin, é decisivo para a estabilidade e paz mundiais. Afinal, os conflitos acabam por partir ou por ir dar à Terra Santa.

Sem a resolução desta contenda, entre israelitas e palestinianos, que jamais agradará totalmente a qualquer parte, por nenhuma das partes sair totalmente satisfeita com o resultado definitivo, o mundo continuará inseguro e distante da Paz pretendida.

Nos 14 capítulos de *Tempo para a Guerra, tempo para a Paz*, o passado e o futuro do Médio Oriente, e também do globo, são abordados com trato, fazendo recordar aos esquecidos, ou informando os menos conhecedores da matéria, a dolorosa experiência israelita, mas também é feita alusão à angústia palestiniana.

Num momento delicado do nosso mundo, quando indicadores recentes apontam, baseando-se em estudos de opinião, Israel como maior ameaça global, e uma onda de anti-semitismo começa a percorrer a Europa, não devemos esquecer a História.

Ciente de que a História que conhecemos, tal como defendeu Carlyle, é dos heróis, Shimon Peres sabe que o heroísmo muitas vezes é conquistado com o derramamento de sangue e ele, como judeu, sabe disso melhor do que ninguém.

Estamos perante um livro de um Homem que sofreu, mas que continua a acreditar que um mundo melhor é possível.

A leitura de *Tempo para a Guerra, tempo para a Paz* é recomendada, não só para uma melhor compreensão, a partir do lado israelita, do que tem sucedido no Médio Oriente, Shimon Peres é bastante crítico para com alguns dos antigos líderes israelitas e também para o próprio Sharon; mas também, acaba por ser uma leitura que provoca no leitor uma predisposição de não entrar numa espiral de desconfiança e receio da actualidade.

Defensor determinado da democracia, na qual “não [há] apenas o direito de ser igual mas sim a ser igual na diferença”, Peres pressagia que depois do tempo da Guerra, virá, certamente, o tempo da Paz. Mas, para a almejar, ela só acontecerá, sem sombra de dúvidas, mais pelos actos do que propriamente pelas palavras, como afirma o israelita que nasceu na Polónia.

Carlos Manuel de Castro

Mestrando em Espaço Lusófono e Relações
Internacionais (ULHT)